

# Ocidente e Ocidentais: representações dos turistas internacionais entre residentes de Kolkata, Índia

Sandra C. S. Marques

*Centro em Rede de Investigação em Antropologia*

*Instituto Universitário de Lisboa*

## Resumo

No encontro do turismo internacional em Kolkata (capital do estado de West Bengal, Índia), a tendência para a naturalização/essencialização de significados ideológicos sobre a diferença do *Outro* ocorre quer para turistas quer para anfitriões. Para os últimos, aparentemente desinteressados no estabelecimento de dicotomias para além da desigualdade económica e poder de consumo que é naturalizada como atributo genérico do *Ocidente-Primeiro Mundo*, a representação estereotipada do visitante internacional é reduzida a uma imagem vaga de estrangeiro “ocidental” ou “ocidentalizado”: rico, materialista, moderno e falante de inglês. Nesta intervenção proponho analisar os quadros referenciais utilizados na construção desta imagem e a sua articulação com narrativas pré-existentes difundidas por mediadores de cultura populares.

**Palavras-chave:** turismo internacional, estereótipos, ocidente, ocidentais, Índia, Kolkata

Na investigação antropológica sobre o fenómeno do encontro do turismo internacional, são os turistas e designadamente o turista “ocidental” quem ocupa a posição central de objecto de análise. Este facto deve-se não só ao mercado eurocentrismo que ainda persiste na produção de conhecimento nesta área (confinada na sua maioria a produções provenientes da América do Norte, Sul do Pacífico e Noroeste Europeu<sup>1</sup>), mas porque o

---

<sup>1</sup> Ao nível de revistas especializadas, destacam-se (claramente, pelo uso da língua inglesa, o que permite a sua grande difusão e número de leitores): *Annals of Tourism Research*, *Tourism, Culture & Communication* e *Journal of Travel Research* (América do Norte); *The Tourist Review*, *International*

turismo internacional é ainda apanágio do “Ocidente”. Embora países como o Japão e recentemente a China, Índia, Coreia do Sul ou Brasil figurem na ocupação de lugares de liderança como fontes geradoras de turistas internacionais, são, desde há muito, a Alemanha, EUA, Reino Unido e França os grandes detentores da liderança, quer em número de turistas gerado quer em valores despendidos no consumo da experiência turística internacional (ver Frangialli 2007). A Índia não é excepção e também não o é a cidade Kolkata (também conhecida como Calcutá), capital do estado de West Bengal. Em 2006, os dados provisórios compilados pelo West Bengal Tourism Office revelam que, exceptuando o vizinho Bangladesh que contribuiu com 39,45% do total das entradas com visto de turismo em West Bengal<sup>2</sup>, o Japão, com uma representatividade de apenas 4,76%, foi o segundo maior emissor de visitantes e Reino Unido, EUA, Alemanha, Austrália, França, Canadá e Itália (por esta ordem decrescente) assumiram uma representatividade conjunta de 15,86% (West Bengal Tourism Office, Kolkata, Maio de 2007).<sup>3</sup>

Particularmente em Kolkata, estes turistas internacionais podem ser agrupados genericamente em três tipologias. Turista jovens com baixo orçamento para estadias de várias semanas ou meses, complementadas amiúde por voluntariado social; um segundo tipo, constituído por turistas que permanecem alguns meses na cidade, envolvidos em projectos académicos ou profissionais diferenciados e que frequentemente regressam ano após ano; e um terceiro tipo, constituído por viajantes em trânsito, que compõem a fracção em demanda do “novo turismo” (Poon 1993), segmentado, flexível e

---

*Journal of Tourism Research e Tourism Management* (Europa); *Asia Pacific Journal of Tourism Research, Tourism Recreation Research e The Journal of Tourism Studies* (Ásia - Sul do Pacífico). Para uma análise da evolução de conteúdos ao nível destas publicações, com particular ênfase para a *Annals of Tourism Research*, ver Xiao & Smith 2006.

<sup>2</sup> Como é conhecido, a Independência da Índia em 1947 foi sucedida pela Partição dos extremos Este e Oeste do seu território dando origem ao Paquistão (Oriental e Ocidental), tendo sido o território de Bengala dividido em West Bengal, Índia e Paquistão Oriental. Em 1971, este território obtém finalmente a independência do Paquistão, convertendo-se no actual Bangladesh. Embora separadas por uma linha de fronteira internacional (política e administrativa), estas populações estão interligadas por estreitas relações familiares, linguísticas, socio-económicas, etc. E assim, o elevado valor estatístico do cruzamento da fronteira com visto de turismo entre este estado indiano e Bangladesh não pode ser interpretado em paridade com o restante turismo internacional, já que reflecte directamente a gestão prática dessas relações.

<sup>3</sup> Devo salientar que a Índia, apesar do seu imenso território e potencial turístico, em termos globais é um destino notavelmente pouco procurado (menos de 1% dos turistas internacionais escolhem este país como destino), e Kolkata e West Bengal, em termos de fatia percentual do contexto nacional, ainda menos (cerca de 0.5% de todos os turistas internacionais que visitam o país). Para um enquadramento do destino Índia ao nível do turismo internacional, ver *UNWTO World Tourism Barometer*, June 2007.

personalizado, aproveitando a oportunidade da experiência corpórea da mega-metrópole mítica indiana por alguns dias. O aeroporto da capital Kolkata é utilizado como porta de entrada e saída do nordeste do país, frequentemente com estadias curtas de um par de dias à chegada e à partida na cidade e deslocamentos para outros estados e países vizinhos. Excluída dos circuitos histórico e cultural “Triângulo Dourado” a noroeste, e “Sol e Praia” da costa oeste e sul, Kolkata serve, para estes viajantes, de porta de entrada e local de trânsito para os circuitos de “Turismo Religioso Budista” e de “Ecoturismo” e “Aventura” na região dos Himalaias e Ilhas Andaman e Nicobar situadas na Baía de Bengala. Em comum às três tipologias, a proveniência de classes média e média alta de ambiente urbano, maioritariamente com origem em sociedades de desenho “ocidental” e a busca de experiências alternativas aos pacotes de turismo de massa.

Ao longo de 2004 – 2007, efectuei trabalho de campo nesta cidade (desenvolvido em três períodos, num total de 15 meses), para condução de uma investigação com o objectivo de analisar a estreita relação entre os fenómenos Imagens e Turismo. Procurei examinar os modos de desempenho das imagens (visuais e textuais) enquanto mediadores da experiência turística e das relações Turista/Anfitrião<sup>4</sup>, centrando-me na procura das representações que lhes subjazem e daí emergem, no seu impacto ao nível das percepções não só dos conteúdos do turismo, mas de uns para os outros como elementos “estranhos”; de como marcam relações de poder e se relacionam com narrativas organizadas pré-estabelecidas, correntemente difundidas por mediadores

---

<sup>4</sup> Visitantes/visitados, turistas/nativos, turistas/locais, turistas/anfitriões – em que termos se definem as partes na relação do encontro turístico? Ainda que a maioria dos autores, incluindo a própria, utilizem vários termos alternadamente, a verdade é que a sua utilização não envolve escolhas inocentes de semântica. De acordo com Richard Chalfen: “a ‘tourist’ is characterized as one who ventures away from home, alone or in a group, to see or do something that is unusual relative to the daily round of life» (1979: 437). Especificando que: “‘Away-from-home’ is meant to be taken literally. One can fulfill the role of tourist in one’s own country, state, city, or even neighborhood. ‘To see or do something’ includes witnessing a particular event, place, person or group of people as well as ‘experiencing’ a particular environment or activity. Accordingly, people can not be tourists while ‘at home’» (*ibid*). E de facto, estrangeiros como a antropóloga (temporariamente em trabalho de campo), investigadores participando de eventos, visitantes que se envolvem temporariamente em voluntariado ou programas de ensino diferenciados (dança, música, yoga, etc.) são em Kolkata percebidos como “turistas” (na sua maioria, aliás, entrando no país com visto de turismo). Entendo ainda o uso do termo “anfitrião” como a aproximação menos assimétrica ao tratamento do sujeito que acolhe neste par relacional. E ao contrário de Edward Bruner (1991), não entendo que o factor transacção comercial constitua a isso um impedimento. Ao anfitrião, que acolhe, entretém e disponibiliza o seu tempo e espaços para proporcionar/colaborar na experiência de estadia do visitante, cabe, pela sua capacidade de acção individual, a participação na definição dos termos dessa interacção, assim como a partilha de responsabilização pela sua condução. E como terei oportunidade de descrever, a relação de poder estabelecida no encontro pode também ser circunstancialmente invertida (sobre agência e inversão do poder na relação turista/anfitrião, ver, por ex. Maoz 2006).

de cultura populares<sup>5</sup>. Foram utilizados métodos clássicos associados à observação participante de trabalho de campo extensivo, combinados com a aplicação de metodologias visuais reflexivas (incluindo a metodologia *Photovoice*, que não é explorada aqui) aplicadas tanto a turistas internacionais como a residentes. O trabalho de campo extensivo permitiu a observação, interacção e condução de centenas de conversas informais e largas dezenas de entrevistas semi-dirigidas (algumas submetidas a gravação digital e outras a anotações manuscritas), que compreenderam residentes, guias, operadores turísticos e outros profissionais directa e indirectamente ligados ao sector, entidades oficiais, turistas internacionais e mesmo alguns NRI (“Non Resident Indians”). Naturalmente tendo permanecido a maior parte do tempo em Kolkata, entendi ser necessário contextualizar as práticas do turismo internacional na cidade, neste estado e neste país, procurando também deslocar-me a alguns lugares dos circuitos turísticos efectuados pelos turistas internacionais encontrados na cidade (algumas vezes, acompanhando-os), neste estado e noutros estados do nordeste, este e sul da Índia.

Nesta intervenção proponho analisar o turista internacional não enquanto sujeito representacional mas enquanto objecto representado. Proponho examinar as representações mais comuns a que os turistas internacionais são submetidos entre os residentes da cidade de Kolkata, bem como alguns quadros referenciais utilizados na construção desta imagem e a sua articulação com narrativas pré-existentes difundidas por mediadores de cultura populares. Aparentemente desinteressados no estabelecimento de dicotomias para além da desigualdade económica e poder de consumo que é naturalizada como atributo genérico do “Ocidente-Primeiro Mundo” ao qual associam a figura do turista internacional, a sua representação estereotipada é reduzida entre os residentes a uma imagem vaga de estrangeiro “ocidental” ou “ocidentalizado”: rico, materialista, moderno e falante de inglês.

## **O encontro com o turista internacional em Kolkata**

---

<sup>5</sup> Alguns dos conteúdos aqui apresentados já terão sido submetidos a tratamento como parte integrante de um produto mais vasto dessa investigação e que envolve outros níveis de análise na tese de doutoramento “As Câmeras e o Turismo em Kolkata: Representações em *Photovoice*” (não publicada), no departamento de Antropologia do ISCTE-IUL, em Lisboa (Portugal) em 2009.

Kolkata é desde há muito rotulada internacionalmente como uma mega-metrópole do “oriente-terceiro mundo” mergulhada na pobreza extrema e carências de toda a ordem. Como reportado por Hutnyk, na primeira metade da década de 1990:

Travellers come to Calcutta to experience, and hence to report on, something they expect to be extreme (...) The hermetic seal of this city’s framing resists any challenge, so that even alternative travellers and eco-tourists, volunteers, participant travellers and other traveller-expatriate forms do not deviate significantly from the established paths. For all the minutiae of travel guides, backpacker lore and gossip, literary imagination and snapshot voyeurism, it is striking how Calcutta is framed in such conventional ways (Hutnyk 1996: 19).

E, de facto, em muitos dos casos, os turistas internacionais que a visitam terão contactado já nos seus países de origem as sedes das ONG de serviço humanitário às quais se associam como voluntários em Kolkata, denunciando uma estratégia de planeamento à sua experiência de “turismo pro-pobreza”<sup>6</sup> nesta cidade. Eis um exemplo representativo da tipologia e experiência de viagem de muitos destes turistas. [A.], alemã, 22 anos, fisioterapeuta, viajou para a Índia com uma amiga da mesma nacionalidade, mesma faixa etária, enfermeira. Terminaram o curso e antes de entrarem no mercado de trabalho do seu país, decidiram passar seis meses na Índia “to combine holidays with an experience of a lifetime», tendo, para isso, decidido despender cinco desses meses em regime de voluntariado social em Kolkata, prestando serviço para organizações como a Calcutta Rescue<sup>7</sup>, contactada no seu país de origem, e a instituição da Madre Teresa e Missionárias da Caridade que contactaram já na cidade. Cinco dias

---

<sup>6</sup> O uso da expressão “turismo pro-pobreza” não tem o mesmo significado de Pro-Poor Tourism (PPT) utilizado por organizações internacionais como o International Centre for Responsible Tourism (ICRT), International Institute for Environment and Development (IIED), e Overseas Development Institute (ODI) para designar estratégias de desenvolvimento do turismo centradas na redução da pobreza e na participação mais efectiva dos pobres no produto resultante. Contudo, a escolha desta expressão é intencionalmente “pró-ambígua”, numa referência irónica à sobreposição de significados de ambas as estratégias: ocidentais privilegiados (a designação PPT e as organizações referidas são originárias do Reino Unido) empenhados na redução da pobreza e no alívio do sofrimento dos pobres nos países de “terceiro mundo”.

<sup>7</sup> A ONG Calcutta Rescue foi fundada pelo britânico Jack Preger no final dos anos 1970.

da semana são ocupados a prestar apoio nos cuidados a doentes nas várias clínicas das ONG e apoio a crianças de uma escola (também da mesma organização Calcutta Rescue) localizada no *Red Light District* (Sonagachi – o maior bairro de prostituição da cidade), vocacionadas para os mais desfavorecidos: nas suas palavras “the poorest of the poor». No final deste período a que chamam “internship», irão desfrutar o seu mês de férias fora da cidade; o seu plano contemplava viajar para Darjeeling, no norte deste estado, seguir para as ilhas Andaman na baía de Bengala e depois regressar ao continente, viajando para noroeste para realizar o circuito “Golden Triangle”.

Quando conheci estas jovens, acompanhadas de outros turistas em regime de voluntariado (uma sueca, uma inglesa e um espanhol), num dos restaurantes da rua Sudder Street, habitualmente frequentados por estes turistas, já se encontravam na cidade há cerca de três meses. Como constatei, e à semelhança de muitos outros, apesar do considerável tempo de permanência, o seu conhecimento geográfico e sócio-espacial de Kolkata permanecia absolutamente confinado a este universo de “turismo pro-pobreza” enquadrado pelas ONG que operam na cidade:

*S: What do you think about the city?*

*A: In this part of the city, there are a lot of beggars (...) the children [beggars]: most of them are professionals. (...) Here, people are not dangerous but it's annoying: a lot of them touch you and come in motorcycles driving just right to you...and then go! Or sometimes, saying “fuck you” or something like that. (...) I like the NGO, they do a good job (...) but sometimes we can't follow how the patients take the medicines, if they sell them instead of taking them...we never know. (...) Calcutta is difficult. But after sometime, it is like a village, everybody know each other...I like it.*

*S: Do you know any other parts of the city? Have you been in the south, in the other side of the river or up north... some music concerts, art performances, cultural events, College Street... some tour?*

*A: No. We don't have much time to travel around; we have so much to do!*

*S: Most of the people you [the NGO] care for are Bengalis?*

*A: Yes, most of them.*

*S: How do you know? Did you ask? Do they all speak Bengali?*

*A: I don't know...Yes. Some of them speak Hindi, but I think most of them are Bengali.*

*S: Did you try to learn some Bengali?*

*A: I tried in the beginning with a teacher but it is difficult, so I abandoned it. And all the staff (Indians, too) speak English...<sup>8</sup>*

Ao longo dos três anos em que realizei trabalho de campo, para além da zona de Sudder Street e áreas circundantes (quarteirões da Park Street, New Market e zona envolvente do parque Maidan) onde se concentram os turistas internacionais, não encontrei outro lugar em Kolkata que reúna as formas de mendicidade que incluem a “profissionalização” deste comportamento e crianças que desde muito cedo aprendem as expressões inglesas “auntie/uncle<sup>9</sup>, money, money, hungry, hungry” e seus equivalentes em francês, alemão e mesmo japonês, usadas como pregões à passagem de novos turistas. O assédio de serviços de tráfico de droga e sexo, bem como os raros roubos e crimes violentos cometidos a turistas internacionais, também incidem, quase exclusivamente confinados, nesta área<sup>10</sup>. De largas dezenas de turistas e outros

---

<sup>8</sup> Conversa com [A], Kolkata, 8-03-2006.

<sup>9</sup> As designações “auntie” e “uncle” são usadas como correspondência directa às palavras bengali “*didi*” e “*dada*” usadas para tratamento respeitoso a mulheres e homens, respectivamente.

<sup>10</sup> Kolkata ocupa uma área central (KMC) de aproximadamente 187 km<sup>2</sup> com uma densidade populacional fixa de mais de 4,5 milhões de habitantes. Se nos referirmos, no entanto, à área metropolitana coberta pela cidade (KMA) estaremos a considerar uma área de 1785 km<sup>2</sup>, com cerca de 14,7 milhões de habitantes (Censo 2001). Dito de modo resumido, a maioria dos turistas internacionais aloja-se numa pequena área da KMC, onde se concentram recursos de hotelaria, serviços e comércio “ocidentalizados” e edifícios do património arquitectónico da, ainda hoje, conhecida como “White Town” (invocando um passado de inscrição de memória do domínio imperial britânico e da sua cidade segregada). Ao seu redor, intersticialmente e em forma de anéis concêntricos, foi sendo desenvolvida (e continua em crescimento) a cidade “indiana”, “nativa”. As zonas residenciais bengalis reflectem, ainda hoje, esta configuração, localizando-se em redor desta “White Town” que após a independência acolhe sobretudo serviços administrativos, financeiros, comerciais e residentes imigrantes (ver, por ex. Beattie 2003, Kaviraj 1997). Enquanto investigadora, procurei experimentar diferentes modalidades de estadia e em diferentes espaços sócio-geográficos da cidade encontrando alguns turistas, particularmente entre a fracção motivada por projectos académicos ou profissionais, que também escolhem alugar-se em “Guest Houses” ou em regime de “paying guest” em casa de famílias locais em áreas mais periféricas.



estrangeiros com que convivi ao longo do tempo, com estadias em outras áreas da cidade, nunca me foi relatado terem sido vítimas de qualquer prática semelhante, e tal como a mim, a sua experiência da cidade levou-os a considerá-la uma das metrópoles mais seguras que já haviam encontrado.

Estes acontecimentos raros e considerados como especialmente graves por envolverem turistas estrangeiros (já de si, pouco abundantes em Kolkata), quando ocorrem, constituem sempre notícia nos vários jornais da cidade. Dois exemplos retirados do *The Telegraph, Calcutta, India*, um dos vários jornais diários locais de língua inglesa, de grande difusão (que consultava regularmente durante a minha estadia na cidade), permitem evidenciar o que argumento:

Yoan, 30, a hospital-worker, had checked into a Sudder Street hotel a day before the incident. His wife, Caillon Nayyma, who had travelled to the city with him, had checked into a separate hotel in the same street. She wouldn't stay with him because they fought over his drug addiction.

Yoan took off on his own. "He was introduced to two women drug peddlers by a youth claiming to be a guide in the area," said Hiren Das, officer-in-charge, New Market police station. Around 6 pm, Yoan met a woman who had promised to supply *ganja*<sup>11</sup>. When she arrived at 6 pm with another woman, they went to a Collin Street flat, where he drank with them and had *ganja*. They ate at a Park Street restaurant and returned to the flat where two men were also present. Yoan had *ganja* again and wanted to visit a brothel.

"With the two men he hired a cab from Mirza Ghalib Street. Yoan didn't remember what happened after that. The men snatched his wallet and handbag containing Rs 6,000 and two credit cards," an officer said. "When he resisted, they slit his throat with a razor. The couple left the city two days after the incident. We are yet to zero in on the gang behind it," said Das.

---

<sup>11</sup> *Ganja* – Termo para "erva", marijuana.



On Friday morning, Tirje Lillehaug, 58, a scientist from Norway, was robbed of his wallet and belongings at a guest house on Sudder Street. A week before, three youths met him and introduced themselves as guides. The police said that they stole his wallet and bag, which contained two digital cameras worth Rs 1.5 lakh, from his room (“Shudder Street» *The Telegraph*, February 18, 2007).

Ou seja, perante um encontro de turismo internacional que é definido globalmente em termos de mercadoria pró-visitante, as práticas performativas necessariamente afectadas são as dos visitados, que tendem a responder às solicitações da relação imposta. Em resposta às motivações e práticas da tipologia de muitos dos turistas internacionais que se concentram nesta área da cidade, surgiu uma bolsa de oferta de serviços que, para além dos hotéis de baixo custo, albergues de ONG, restaurantes baratos com refeições ocidentalizadas, cibercafés, alfarrabistas de literatura estrangeira, casas de câmbio e agências de venda de voos *low-budget*, inclui ainda grupos de crime organizado e inúmeras iniciativas de pequenas burlas - expressas na significativa expressão “hunt some tourists” (que ouvi também em áreas de afluência turística noutros estados indianos) - para obtenção de uma fatia do dinheiro, que confiam abundar nas carteiras de todos os estrangeiros que os visitam.

A difusão massificada das metanarrativas de mapeamento mundial da riqueza, desenvolvimento e aura de supremacia, emanadas pelo “ocidente” sobre si próprio (que os turistas tendem a replicar) são, como pretendido, apropriadas ao nível global e nos mais remotos lugares, com consequências que nem sempre são as mais desejadas ao nível da gestão prática das relações individuais. Neste encontro efémero do turismo internacional, o outro despersonalizado e estereotipado é, frequentemente, o ponto de partida de ambos os pares na relação dual que se estabelece. É um encontro momentâneo, transitório, não repetitivo, e por isso orientado para a gratificação imediata; ambos sabem que a estadia do turista é curta e muito provavelmente não se voltarão a encontrar. Esta característica do encontro, sobretudo quando não envolve um carácter de enquadramento formal (serviços de hotelaria, restauração, guias e agências de informações turísticas, etc.), pode tornar-se particularmente problemática e conflituosa, uma vez que não assenta na premissa de troca e reciprocidade a que

obrigam ou incorrem as relações de continuidade (Sutton 1967; Chalfen 1979). Nas situações extremas referidas, o encontro é convertido numa relação primária de exploração do outro e de vantagens imediatas. A disposição “hunt some tourists”, decorrente deste processo de apropriação do *Outro* como objecto despersonalizado e estereotipado, que é também frequente no universo do discurso e das práticas dos turistas internacionais, só surpreende pelo seu potencial de inversão da habitual posição hierárquica dos elementos na dialógica turista/anfitrião e pela singularidade do extremismo da apropriação do objecto estereotipado – turista privilegiado e rico – na sua materialização violenta como *presa*.

Viajar como turista é um privilégio e enquanto tal, mesmo que viajando com baixo orçamento e com restrições financeiras, o indivíduo é comprometido pela situação de vantagem que implica o consumo de uma experiência por motivos (mesmo que parciais) de satisfação de hedonismo, pelo valor implícito despendido na viagem, nos apetrechos tecnológicos e adereços que transporta (muitas vezes, recém adquiridos propositadamente para a viagem) e pelos gastos em bens de consumo não utilitários e actividades de lazer no local. Assim, um pouco por toda a parte, e também por inerência do seu papel no processo de exploração lucrativa pela indústria, o turista sofre um processo de objectificação economicamente centrado.

No encontro do turismo internacional em lugares imaginados como “terceiro mundo”, a esta objectificação adicionam-se as representações essencialistas sobre a desigualdade económica entre pessoas do “primeiro mundo” e “terceiro mundo”, o que amplifica a homogeneização redutora do turista ocidental em “wallet with legs” (expressão usada na República dos Camarões e referenciada por Nyamnjoh & Page [2002]). Jonathan Spencer no seu estudo “Occidentalism in the East: The Uses of the West in Politics and Anthropology of South Asia» (2003) argumenta que, em última análise, no encontro primário entre “oriente” e “ocidente” ocorre o mesmo processo. Os elementos cruciais à construção da imagem do segundo não são encontrados em discursos, epistemologia, política ou entre as pessoas. A imagem do ocidente é encontrada sob a forma de produtos, enquanto objectos de consumo e objectos de desejo. Para o autor, a discussão em torno das diferentes formas de “Occidentalismo”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Sobre “Occidentalismo” ou “essentialist renderings of the West by members of alien societies» (Carrier 1992: 198), ver também Carrier 2003, Ning 1997.

pode ser resumida quase exclusivamente a uma apresentação de estudos de caso de política de consumo.

Embora considere a sua visão redutora, entendo-a como adequada para a aproximação ao que ocorre na imediaticidade de muitas das experiências de encontro no turismo internacional em Kolkata - cidade rotulada no “ocidente” como lugar do “oriente-terceiro mundo”. Tal como identificado por Jukka Jouhki (2006) relativamente às representações dos habitantes tamil sobre os “ocidentais” em Auroville, no estado indiano de Tamil Nadu, também a mim, me pareceu que estes, enquanto turistas, não despertam grande interesse aos residentes de Kolkata, sendo as suas representações quase circunscritas a uma objectificação economicamente centrada e mostrando-se desinteressados no estabelecimento de dicotomias para além da desigualdade económica e poder de consumo.

### **Movendo o centro para Kolkata - onde fica o “Ocidente”?**

Como é usual para qualquer visitante estrangeiro na Índia (e em muitos outros lugares) a questão “Where are you from?” é uma constante da primeira abordagem feita pelos residentes na cidade. No meu caso (representante de uma rara nacionalidade de origem entre os estrangeiros que visitam Kolkata), à minha primeira resposta sobre o meu país de origem: “Portugal”, frequentemente não foi reconhecido qualquer significado e quando em seguida procurava esclarecer referenciando geograficamente a Europa e Espanha, somente substituí o vazio de significado pela confusão<sup>13</sup>. Como sobejamente

---

<sup>13</sup> A sucessão de perguntas e repostas que transcrevo, com algumas variantes, foi uma constante das primeiras abordagens que me foram feitas centenas de vezes ao longo do trabalho de campo. Esta transcrição, em particular, diz respeito a um jovem bengali, empregado numa empresa de telecomunicações, com quem partilhei uma viagem de *autorickshaw* para a zona suburbana de Garia no sul da cidade em 10-11-2005:

**MB:** Where are you from?

**S:** *Portugal.*

**MB:** Where is Portugal?

**S:** *In the western corner of Europe, right next to Spain.*

**MB:** So, is it a province of Spain?

**S:** *No. Portugal and Spain are two different countries.*

**MB:** How many hours to come here from Portugal?

**S:** *Around 15-16 hours by plane.*

**MB:** Oh, that long!...How much [it cost] in [US] dollars?

**S:** *I don't know, we don't use American dollars, we use euros. But it's expensive for us, I can pay it because I'm doing research work here and I have financial support to do it.*

**MB:** How much is in rupees? (...)

desenvolvido por vários autores, o “Ocidentalismo” não é uma criação *a posteriori* ou contracorrente do “Orientalismo” mas sim uma inerência da própria dialógica da retórica ocidente *versus* oriente emanada pelo primeiro (entre outros, Said 1990; Coronil 1996; Baber 2002; Carrier 2003). Com a consolidação da hegemonia norte-americana após 1945, o centro de gravidade do ocidente é deslocado da Europa para os EUA e este converte-se ironicamente em metáfora da primeira. Além disso, como refere Noam Chomsky: “Europe includes and in fact is led by the former European colonies in the Western Hemisphere and Asia. And of course Europe now includes Japan, which we may regard as honorary European» (Chomsky 1991: 13). Mas também, como já notado por Fernando Coronil:

Given the intimate association between Europe and Empire, it is significant that in colonial and postcolonial studies Europe is primarily equated with the nations of its northwestern region. This exclusion of southern Europe is accompanied by the analytical neglect of Spain and Portugal as pioneering colonial powers that profoundly transformed practices of rule and established modular forms of empire that influenced the imperial expansion of Holland, England, and France. (Coronil 1996: 54)

E isto acontece porque através do discurso de “desenvolvimento”, que se impõe na segunda metade do séc. XX, a “Europa-Occidente” passa a sinónimo de bloco de nações de liderança capitalista (“Primeiro Mundo”). Pelo que, nesta absurda geografia representacional, a “Europa-Occidente-Primeiro Mundo” é agora figurada pelos EUA, inclui países como a Austrália, Canadá, Israel ou Japão, ao mesmo tempo que é restringida aos países norte e centro europeus, obliterando representacionalmente a maioria do leste europeu e países do sul como o Chipre, Malta, Croácia, Turquia e claramente Portugal. Uma obliteração que é fundamentada pelo seu “fraco desempenho” ao nível de um ou mais indicadores definidos e emanados sobre si próprios pelas nações líderes deste espaço representacional - “a social, political and ethnic designation designed to evoke those values, practices and people that are, in other contexts, described as one of the following: democratic, capitalist, free, modern, developed, Christian, white» (Bonnett 2003: 332).

Em 2006, num exercício de exploração de representações que realizei com 43 estudantes universitários em Kolkata<sup>14</sup>, foi aplicado um instrumento com base na combinação dialéctica da extracção de representações textuais e gráficas, executado individualmente e em anonimato, de uma forma lúdica e descontraída, de modo a obter resultados de pensamentos mais ou menos espontâneos. Para além da solicitação de algumas respostas escritas, foi fornecido um mapa-mundo, destituído de sinalização para além dos contornos continentais de distinção terrestre e marítima e solicitado o desenho de fronteiras e localização dos países de que se lembrassem. O objectivo deste exercício foi o de averiguar algumas questões sobre representações identitárias de si, da sua cidade e do exterior. Dos resultados obtidos, analisarei aqui os que remetem para a penetração e consolidação representacional, entre estes jovens, das metanarrativas estereotipadas sobre “Primeiro Mundo” e “Ocidente” que tenho vindo a referir.

Naturalmente, todos começaram por delimitar o seu país de origem - Índia, e de forma mais ou menos organizada, todos os países que com ele fazem fronteira. Cinco dos estudantes (aproximadamente 11,5%) revelaram um amplo conhecimento da geografia mundial discriminando entre 25 e 50 países dispersos por todos os continentes e uma jovem de 22 anos, a frequentar o mestrado em Direitos Humanos da University of Calcutta, ainda que nunca tivesse saído do seu país, discriminou com extraordinária precisão 86 países. Com uma média de idades de 22 anos, a maioria destes jovens (79%) nunca teria viajado para fora do seu país; e dos nove restantes, sete teriam visitado apenas países vizinhos do sul da Ásia, um teve a oportunidade de viajar para vários países da Europa, Japão e EUA e um, para além de diversos países que visitou na Europa, terá vivido alguns anos na Nigéria. Assim, as fontes de informação mais referidas para a construção da representação destes lugares distantes foram os diversos meios de comunicação massificada (84%), sendo a TV e os livros, os mais mencionados. 16% dos jovens referiram ainda serem as figuras de autoridade - “teachers”, “seniors”, “brother”, “relatives” - a sua fonte exclusiva de informação para a construção da imagem dos lugares que desejariam visitar.

Austrália (86%), EUA (72%) e Japão (65%) dominam as suas representações, com uma figuração geográfica definida e uma validação positiva que os posiciona entre

---

<sup>14</sup> Amostra = 43 (20 rapazes, 23 raparigas). Estudantes de duas universidades de Kolkata: University of Calcutta (11 estudantes - 2º ano, mestrado em Antropologia Física; 9 estudantes - 2º ano, mestrado em Direitos Humanos) e Jadavpur University (23 estudantes - 4º ano, licenciatura em Arquitectura).

os 9 países mais populares como objecto de desejo para destino de viagens futuras, sendo os EUA, o país eleito por quase metade destes jovens (46%), e maioritariamente por motivos exclusivos de progressão na carreira académica e profissional economicamente centrados. Uma jovem a frequentar o mestrado em Antropologia Física da University of Calcutta, à questão sobre os países que gostaria de visitar e porque razões, respondeu: “USA, to see a rich country” e no seu mapa foi o único país estrangeiro que identificou, tendo expandido a sua imagem a todo o sub-continente norte da América. Apesar do Reino Unido ser o segundo país mais popular em *ex aequo* com o Japão (ambos com 28% das preferências de destino de viagem e pelos mesmas representações economicamente centradas), mais de metade dos jovens (53%) não o identificaram ou conseguiram localizar geograficamente. Significativamente, a mesma proporção que não foi capaz de identificar qualquer país no centro e sul do continente americano e mais do que a proporção dos que não identificaram qualquer país em África (46.5%)<sup>15</sup>.

Ainda que tenham revelado incapacidade ou dificuldade na localização geográfica de alguns destes países, a França, Itália, Suíça, Egipto e Grécia também figuram no imaginário de viagem dos destinos mais populares. No que se refere aos dois primeiros países, a sua posição de favoritismo é sobejamente justificada pela visibilidade internacional que detêm enquanto destinos turísticos e membros do “Ocidente” e a predominância representacional do Egipto e da Grécia aparece correlacionada com a sua significância ao nível da área de estudo de um dos grupos, Arquitectura, expressa claramente pela associação aos factores de motivação: “architecture” e “History”. Quanto à Suíça, o significado da sua posição como terceiro país que mais desejam visitar (referenciado por 23% dos jovens, em paridade com o Egipto) não parece, à partida, tão óbvio. Sendo um destino maioritariamente eleito por rapazes, a Suíça foi referenciada a um imaginário de beleza e ambiente paisagístico para lazer e diversão, indexado por termos como “beauty”, “scenery” e “romance”. Não obstante a sua longa história de representatividade no universo da imagética associada ao turismo europeu (relembre-se a *Grand Tour*, as *Tramp Trips* dos jornalistas ou o contemporâneo *InterRail*), não é aqui que se encontra o quadro referencial para a

---

<sup>15</sup> Devo realçar que 9 estudantes (21%) localizaram geograficamente Portugal. Mas deste número só posso inferir a sua generosidade induzida pelo facto de procurarem dar visibilidade no seu mapa-mundo ao meu país de origem, dado a conhecer durante a minha apresentação prévia à realização do exercício.

construção desta imagem da Suíça. É antes na recorrência das narrativas pré-existentes difundidas aqui pelos mediadores de cultura populares que vamos encontrá-lo: neste caso, em Bollywood.

Entenda-se que a dimensão do impacto dos filmes de Bollywood na cultura popular indiana assume contornos de monopólio. Num país secular que assume deliberadamente a protecção e expressão de elementos diferenciadores de identidades comunitárias, o cinema Bollywood, ou cinema Hindi com base em Mumbai, é talvez a única fonte de produção de cultura hegemónica do que é entendido como indiano com penetração a nível nacional (Nayar 1997). Na década de 1990 já eram produzidos anualmente, em média, 400 filmes<sup>16</sup> com uma assistência semanal calculada em cerca de 35 milhões (*ibid*: 73). São filmes musicais com, pelo menos, meia dúzia de coreografias de canções e dança<sup>17</sup>, uma duração habitual de 3 horas e exibidos por todo o país com dobragem em várias línguas. Para além do visionamento nas salas de cinema que abundam (com uma audiência maioritariamente masculina), o cinema itinerante permanece de boa saúde; e para os restantes que aí não acorrem, a sua penetração é feita através das largas dezenas de canais nacionais e regionais que os exibem regularmente, assim como, os *video clips* das suas canções coreografadas. As bandas sonoras são de tal forma determinantes para o sucesso do filme que são lançadas, por vezes, três meses antes da sua estreia, para promoção e financiamento da própria produção cinematográfica. As suas histórias fazem parte do quotidiano da vida pública e os actores mais populares obtêm estatuto de estrelas nacionais (quase deificadas) transcendendo o universo do entretenimento e da publicidade, sendo as personagens que desempenham percepcionadas genericamente como avatares do actor que vivenciam as diferentes histórias narradas (*ibid*).

Desde os anos 1960 que largas dezenas de filmes de Bollywood incluem cenários suíços nas suas narrativas, e filmes de grande sucesso como *Dilwale Dulhania le Jayenge* (1995, de [Aditya Chopra](#)) ou *Hero No. 1* (1997, de David Dhawan), terão

---

<sup>16</sup> Este valor refere-se apenas à produção de filmes de longa-metragem pelo centro cinematográfico de Mumbai. Considerando a restante produção regional de cinema Hindi, já em 1983, eram produzidos anualmente 750 filmes de longa-metragem (Abbas & Sathe 1985) e se englobarmos toda a produção cinematográfica do país (incluindo o cinema Bengali - entendido como cinema de elite - que detém cerca de 5% do mercado), o valor actual atinge mais de um milhar de filmes por ano, o que coloca a indústria cinematográfica indiana na posição de líder mundial.

<sup>17</sup> No início do século XX e até aos anos 1950, estes filmes podiam ter até 50-60 canções coreografadas e prolongavam-se durante cerca de 4 horas.



sido quase inteiramente filmados em localizações neste país, multiplicando-se em *clips* de canções coreografadas de encontros românticos em cenários bucólicos de campos floridos, montanhas cobertas de neve e grandes lagos. Efectivamente, mais do que um imaginário de cenários de romance nos Alpes suíços, a associação estabelecida pelos jovens rapazes universitários é a da transgressão no ritual de passagem para a idade adulta, traduzida pelo desejo de encontrar e concretizar uma relação amorosa/sexual, para a qual estas canções e danças coreografadas são uma reconhecida metáfora filmica em Bollywood, dada a impossibilidade legal de exhibir cenas de sexo. A transgressão aparece pela sua associação a contornos lúdicos, uma vez que para que se processe em conformidade aos valores dominantes, o ritual (com ou sem romance) deverá ser convertido em casamento e aprovado pela família. A Suíça, no espaço socio-geográfico “ocidente” distante da sua casa e rede de controlo social, como tantas vezes contado em Bollywood, proporciona a evasão desejada para a transgressão sem o comprometimento da sua identidade na Índia.

### **Quem são os “ocidentais”?**

Terá sido notado, por certo, que não fiz referência à presença de europeus ou outros não-indianos neste quadro paisagístico romântico alpino. E a razão para a omissão é a de que não estão lá. Ao contrário do cinema *mainstream* ocidental liderado pelos EUA, povoado por inúmeros *Outros* (e frequentemente representados como *hostis*), o cinema popular indiano raramente inclui actores ou personagens estrangeiras. Não-indianos podem surgir periféricamente à narrativa, como homens de negócios ou turistas, mas desempenhando habitualmente papéis neutros ou pouco relevantes para a narrativa (ver Nayar 1997). Ou seja, também ao nível desta representação, ou melhor dizendo da sua omissão, Bollywood oferece um importante indicador para uma aproximação aos modos de representação dos “ocidentais” popularmente veiculados aqui.

Diz-nos Sheila Nayar que:

Since Hindi popular cinema’s intention was always to appeal broadly across the subcontinent – a nation ceaselessly struggling to keep its communal, regional and linguistic factions from splintering – Bollywood came to rely,

ironically, on the uniformity of the West (or rather, what it *chose* from the West) to provide its films with a generic coat of All-Indianness (Nayar 1997: 75).

E de facto, muitas das histórias actualmente contadas por esta cinematografia são baseadas em argumentos de filmes de Hollywood ou Hong Kong, mas as narrativas são sujeitas a alterações e adições que conduzem à fórmula singularmente “indiana” de Bollywood. Todos os filmes produzidos no país (assim como, todos os nacionais ou estrangeiros para exibição em canais televisivos indianos) são sujeitos, como mencionei acima, a censura prévia pelo Central Board of Film Certification - “The Cinematograph Act lays down that a film has to be certified keeping the interests of sovereignty, integrity and security of India, friendly relations with foreign states, public order, morality etc. in mind» (CBFC)<sup>18</sup>. Significando isso, a impossibilidade de exibir visualmente um manancial variado de temas: não apenas sexo, mas também determinadas formas de violência, tensões políticas, burocracia e corrupção governativa, discriminação negativa de castas, nudez (se entendida como erótica) ou hostilidade figurada por não-indianos.

Ou seja, o estabelecimento de dialécticas dicotómicas entre indianos/ocidentais não só não parece suscitar grande interesse nestas populares narrativas cinematográficas como também, sobretudo quando em dicotomia conflitual, é oficialmente dissuadido neste mediador de comunicação massificada. A representação do que é “ocidental” é limitada na sua apropriação à representação do que é “não-indiano” - o materialismo da modernidade (que é atributo do “ocidente”) e seu efeito pernicioso de distanciamento das práticas e valores “tradicionalmente indianos” – que parasita a sociedade na contemporaneidade, sendo metaforizado no cosmopolitismo (“ocidentalização”) da vida urbana das grandes cidades da Índia:

The West functioning both as emblem of modernization, and concurrently as a caveat against a crude, materialist parasite on Indian tradition. Within this strained dichotomy, the relationship to the West is marked by (1) the

---

<sup>18</sup> [27-05-2008]. Disponível em: <<http://www.cbfcindia.tn.nic.in/guidelinespage1.htm>>.

process of becoming “westernized” (perhaps the term modernized is more acceptable); and (2) the West as signifying the Other (that which represents the non-indian, a lack of Indianness). (Nayar 1997: 77)

E de modo coincidente, a representação estereotipada do turista internacional que encontramos habitualmente veiculada em Kolkata é, simplesmente, a do visitante proveniente do “Primeiro Mundo”, indexado com termos como “Western”, “European”, “*bideshi*”, “*firangi*”: rico, materialista, moderno. Por oposição a “respect to the past, to the elders/seniors and the tradition” indexantes genéricos de “Indianness”<sup>19</sup>.

Além destes atributos primários, os residentes raramente se detêm em mais considerações, só pontualmente acrescentando algumas outras características, quando em conversas informais sobre outros assuntos e habitualmente em tom anedótico. Usam termos como “very tall”, “big” - significando estatura física elevada e frequentemente com excesso de peso; e tez de “pinkish colour” - literalmente pele avermelhada, em referência à aparência habitualmente adquirida por insolação da pele com pouca melanina<sup>20</sup>. Algumas considerações sobre hábitos alimentares pouco saudáveis: “That girl (that I’m talking about), she is more an American than a Bengali. She doesn’t have the same food habits (...) for breakfast she has waffles, bacon, meat... if I have meat in the morning, I would probably vomit the whole thing. We have very light breakfasts!”<sup>21</sup>. Ou ainda alusões aos poucos cuidados de higiene. Referem que os visitantes “ocidentais”, em Kolkata, usam frequentemente vestuário sujo e desalinhado, contaminam a comida que ingerem à mesa com a mão esquerda, nem sempre lavam a

---

<sup>19</sup> Refiro-me aos estereótipos da generalidade de menos informados e também aos sectores mais jovens da sociedade, uma vez que nas gerações com mais de 35-40 anos, o nível de literacia entre alfabetizados em Kolkata e West Bengal é de um modo geral bastante elevado, com um grande número da população a discorrer fluentemente em várias línguas (incluindo russo, japonês, grego, alemão, francês, castelhano e mesmo português) sobre história, literatura, religião, arte ou política internacional. Este elevado nível de literacia global reflecte-se numa maior heterogeneidade das representações e em percepções mais complexificadas e diferenciadoras dos diferentes turistas internacionais, com eliminação de alguns dos estereótipos mencionados ou uma diversificação de categorizações por região e país de proveniência, classe sócio-económica, etc.

<sup>20</sup> Este tipo de enunciados jocosos serviram, algumas vezes, para realçar a minha falta de qualidades identificadoras do tipo “ocidental”. Com 1,50m de altura, morena, de cabelo liso, longo e escuro e habitualmente vestida com *salwar-kamize*, fui frequentemente categorizada como “Nepali”, “almost Bengali” ou “Anglo-Indian”. Ou seja, um espécimen pouco representativo do “ocidente”.

<sup>21</sup> Conversa com [SB], residente, mestre em Direitos Humanos. Kolkata, 15-03-2005.

mão direita após a refeição, partilham água engarrafada tocando o gargalo com a boca, e ainda, exibem este estranho comportamento:

Why do Europeans need such amount of toilet paper? Don't you wash yourselves when you use the toilet?! There are taps or buckets with water in every toilet...Besides, one should do our physiological needs in the morning, before leaving the house; then, take a bath and, then, leave the house. In this way we avoid dirty public toilets and keep clean!<sup>22</sup>

[SB], a jovem bengali supracitada acerca dos maus hábitos alimentares dos “ocidentais” e da sua amiga NRI (“Non Resident Indian”) “ocidentalizada”, é categórica no seu desinteresse em complexificações identitárias dos estrangeiros “ocidentais”, limitando a sua narrativa representacional a: “A foreigner is definitely non Indian. *Bideshi* - positive [expression] for foreigner; maybe negative – *firang* . (...) A foreign national is most of the time richer than the normal Indian if they hail from developed nations»<sup>23</sup>. E [BM], uma outra jovem bengali, com algum esforço e pela minha insistência, limita-se a oferecer mais esta pequena descrição:

**S:** *How do you describe a foreigner?*

**BM:** Foreigner mainly denotes someone from out of the country India... People from other country are tourists; explorers; not as friendly as Indian; professional; have less spicy food than Indians; liberal; [have] nuclear family; common people [are] less corrupt.<sup>24</sup>

Assim, “Western”, “European”, “*bideshi*” ou “*firang*”/“*firangi*”<sup>25</sup>, designações utilizadas de modo intercorrente para o turista estrangeiro “ocidental”, são sujeitas a

---

<sup>22</sup> Conversa com [AK], residente, empregado de mesa num restaurante. Kolkata, 06-04-2007.

<sup>23</sup> Conversa com [SB]. Kolkata, 15-03-2005.

<sup>24</sup> Conversa com [BM], residente, estudante universitária. Kolkata, 05-02-2006.

<sup>25</sup> *Bideshi* – termo genérico para “estrangeiro” que se opõe ao termo *swadeshi* que significa “índigena”. Ambos compostos a partir do termo *desh* que deriva do termo sânscrito “*desh*” – território. *Firang* /*Firingi* terá sido tomado do termo árabe *firang* (*rang* - “cor”, *firang* - “sem cor”). “To the Turks, (...) all

uma indexação com “definitely non Indian”, associada a marcadores economicamente centrados, essencializados como identificadores de *Ocidente, Primeiro Mundo, Europa*. Não é de modo algum evidente a sua indexação, por exemplo, com “white”, termo que nunca ouvi ser utilizado fora dos meios intelectuais a não ser que eu o introduzisse em conversa; e a expressão “pinkish colour” (que, confesso, sempre me divertiu), embora directamente associada a pele clara, é utilizada em tom jocoso em referência à dificuldade que muitos estrangeiros manifestam perante as condições climáticas da cidade, não sendo utilizada como descritiva ou caracterizadora no contexto material do uso dos termos “Western” ou “European”. A validação positiva da pele clara - “fair skin” - é francamente evidente mas associada a um outro tipo de classificação e com critérios elaborados a partir de lógicas distintivas internas à sociedade indiana (ver Marques 2009).

Como referi no início deste texto, existe, todavia, um outro atributo identitário que é persistentemente associado a esta imagem - a percepção estereotipada dos turistas internacionais como uma massa uniforme de falantes de língua inglesa: o “*Ocidente-Primeiro Mundo*” *fala inglês*<sup>26</sup>. Em Kolkata, esta percepção decorre naturalmente da influência histórica britânica, da forte presença de turistas provenientes dos EUA e

---

Western Europe was for centuries simply *Frenjistān*, ‘the land of the Franks’» (Davison 1960: 666). Note-se que no seu uso actual pela língua bengali, o termo não possui uma indexação evidente à cor da pele e, mesmo no que se refere à associação encontrada na origem árabe do termo, a indexação não é feita ao atributo da cor que tem o indivíduo mas, antes, à cor que não tem.

<sup>26</sup> Conversa com jovem bengali, estudante universitário de IT (Tecnologias da Informação). Kolkata, 22-03-2006:

**YMB:** What language do you speak in Portugal?

**S:** *Portuguese, Português.*

**YMB:** You don’t speak English in Portugal?

**S:** *No. Our national language is “Português”.*

**YMB:** Not even as your second language?

**S:** *No. There is no second language. We can learn English among other options of foreign languages.*

**YMB:** Wauh! So, you speak Portuguese, but Portuguese uses the English alphabet, no?

**S:** *No. “Português” uses the same alphabet of the English language and many others, but we have different phonemes and graphic symbols. For example, in “Português” we have the same nasal sound “ã” as in Bengali and our alphabet includes the graphic symbol to represent it. You don’t find it in English.*

**YMB:** So, Portuguese is a kind of dialect from English?

**S:** *No. Two different Languages, such as: Bengali, Hindi, Urdu, Telugu, Malayalam...*

**YMB:** Ok, but the script is the English, *mane* (i.e.), all those western languages use the English script, no?

**S:** *No, the alphabet (the graphic symbols that many western languages use to write) is not English; it is Latin, Roman alphabet. The script used by both “Português” and English is the Roman alphabet.*

**YMB:** Wauh!...I always thought it was all English alphabet.

Reino Unido e também do facto da maioria dos estrangeiros que visitam a Índia usarem esse mediador linguístico para comunicar, quer com os seus anfitriões quer entre si. Por outro lado, tal como em outras partes do mundo, as fontes de informação e entretenimento que chegam através dos meios de comunicação massificada internacional são maioritariamente mediadas pela língua inglesa: canais internacionais da TV cabo, Internet, filmes de grande difusão, música, etc., o que promove a sua representação de dominância global<sup>27</sup>.

Para muitos, a língua inglesa é a língua do “Ocidente-Primeiro Mundo”, como explicam estes jovens adolescentes do Punjab, num programa do canal NDTV indiano (Programa semanal à conversa com estudantes “India’s YOUTH unplugged». 27 Nov 2005, 13.00h):

**Boy 1:** We speak English because it is the medium of conversation. It is English because they conquered all the world.

**Girl 1:** So, what you are saying is that we are becoming westernized.

**Boy 1:** It is globalization. It is important to use a universal language.

**Girl 2:** We speak their language [from the West] and listen to English music all the time. Even the Punjabi music, it is not Punjabi. It is made in UK with western sound beat.

“It is English because they conquered all the world” afirma o jovem categoricamente. Uma percepção também partilhada por este guia turístico e intérprete de inglês, na cidade de Kolkata:

**SG:** So, your country was colonized by the British for how long?

---

<sup>27</sup> Curiosamente, o número calculado de falantes de hindi e bengali em conjunto - apenas duas das línguas oficiais indianas - ultrapassa em 200 milhões o número de falantes de inglês (Eckstein *et al* 2006).

*S: My country was never colonized by the British. Portugal is an old European country; actually, it has one of the oldest national borders in Europe. And, as you must know, the Portuguese started colonizing other parts of the world, including India, long before the British.*

*SG: Han (yes) - Vasco da Gama! Goa! The Portuguese were in Goa!...So, in Portugal you don't speak English?!... How did you learn it?<sup>28</sup>*

O facto de a língua inglesa constituir para muitos indianos a sua segunda ou terceira língua, muitas vezes mediador linguístico escolar e correntemente usada na mediação da comunicação no mercado de trabalho, em variados sectores, com falantes de outras línguas nacionais ou internacionais, converte-a não só no seu mediador transcritor e de transliteração das suas línguas para o alfabeto latino como, também, no seu tradutor do e para o universo do “Ocidente”.

Não obstante as grandes alterações efectuadas após a Independência do país, no sentido da recuperação e exaltação de marcas identitárias nacionais e, no que a este assunto diz respeito, o estabelecimento constitucional em 1949 do hindi escrito em *devanagari*<sup>29</sup> como língua oficial da União Indiana (Constitution of India, artigo 343) e o reconhecimento de dezenas de outras línguas como oficiais de Estado ou regionais<sup>30</sup>, tendo sido efectuada a exclusão do inglês, não diminuíram a condição de permanência e penetração desta língua no país. A sua imposição na Índia em 1835, pela determinação de Thomas Macaulay (1800-1859), como língua administrativa e mediadora da educação, marcou o triunfo dos “Anglicistas”. A literatura inglesa foi estabelecida como disciplina de estudo em resultado do *1853 India Act* - ironicamente, quatro décadas antes de ser incorporada no currículo académico em Inglaterra<sup>31</sup> - e em 1855 já era compulsório um exame de avaliação dos conhecimentos em ambas (língua e literatura), para acesso a cargos civis na English East India Company (Rajan 1986: 24).

---

<sup>28</sup> Conversa com [SG], residente, guia turístico. Kolkata, 28-11-2005.

<sup>29</sup> *Devanagari* - é também a escrita usada pelo sânscrito. O bengali (tal como outras línguas indianas) possui uma escrita própria, a escrita bengali ou *Bangla Lipi*.

<sup>30</sup> Actualmente são reconhecidas 22 línguas oficiais no “Eighth –Schedule» da Constituição Indiana.

<sup>31</sup> Só em 1893, foi aprovada a primeira “School of English Language and Literature” em Inglaterra pela administração da Oxford University (Rajan 1986: 25).



Na sua famosa Minuta de 2 de Fevereiro de 1835, o “Anglicista” Macaulay é cristalinamente claro sobre a posição destes administradores britânicos relativamente às línguas e conhecimentos vernáculos existentes na Índia (relativos, aliás, a larga percentagem da população mundial):

I have no knowledge of either Sanscrit or Arabic. But I have done what I could to form a correct estimate of their value. I have read translations of the most celebrated Arabic and Sanscrit works. I have conversed, both here and at home, with men distinguished by their proficiency in the Eastern tongues. (...) I have never found one among them who could deny that a single shelf of a good European library was worth the whole native literature of India and Arabia. The intrinsic superiority of the Western literature is indeed fully admitted by those members of the committee who support the oriental plan of education.

(...) It is, I believe, no exaggeration to say that all the historical information which has been collected from all the books written in the Sanscrit language is less valuable than what may be found in the most paltry abridgments used at preparatory schools in England. In every branch of physical or moral philosophy, the relative position of the two nations is nearly the same.

How then stands the case? We have to educate a people who cannot at present be educated by means of their mother-tongue. We must teach them some foreign language. The claims of our own language it is hardly necessary to recapitulate. It stands pre-eminent even among the languages of the West<sup>32</sup>.

E pelo que se observa na contemporaneidade, a missão dos “Anglicistas” não poderia ter sido mais bem sucedida. A língua inglesa não só predomina na Índia como mediador cultural do e para o “ocidente”: “in a big Indian university there may well be close to

---

<sup>32</sup> Bureau of Education. *Selections from Educational Records, Part I (1781-1839)*. H. Sharp (ed.). 1920. Calcutta, Superintendent, Government Printing. Reprint Delhi, *National Archives of India, 1965*: 107-117. [03-06-2008]. Disponível em:

<http://www.mssu.edu/projectsouthasia/history/primarydocs/education/Macaulay001.htm>.

twenty-five thousand students studying English in any given year» (Rajan 1986: 30), como também a produção de conhecimento do e para o exterior é mediada maioritariamente pelas grandes editoras inglesas (e em inglês, naturalmente), em particular pelas editoras Oxford University Press, MacMillan e Longman, instaladas neste país desde os primórdios de 1900 (ver Kumar 1988). E claro, à semelhança do que acontece um pouco por todo o mundo, a cultura popular tem vindo também a ser progressivamente dominada pelos mediadores de comunicação massificada anglo-saxónicos.

Como colocado por Hazel Markus:

Our experience of reality always involves representation.(...) Representation does not just reveal the world as it is; representation takes place with the aid of one's attitudes, expectations, and models of the world, and these frameworks of meaning derive from our social and cultural experiences.

And, as members of a diverse democratic society we should be concerned with who is doing the representing and how we can intervene in this process. Those who control media are powerful because they control the construction of what is real (Markus 2005: 2).

## **Conclusão**

No encontro do turismo internacional, a tendência para a naturalização/essencialização de significados ideológicos sobre a diferença do *Outro* frequentemente descrita para os turistas também ocorre para os anfitriões em Kolkata. E de igual modo, o estabelecimento contingencial da diferença identitária turista/anfitrião ocorre, primariamente, não por referência a identidades nacionais, regionais, locais, de classe ou género mas, por inerência da oposição contingencial deste par dual, em referência a significados mais alargados de uma identidade “ocidental” (que é atribuída genericamente aos turistas internacionais com quem contactam) por oposição a uma

identidade “indiana” que partilham entre si. Aparentemente desinteressados no estabelecimento de dicotomias para além da desigualdade económica e poder de consumo que é essencializada como atributo genérico do “Ocidente-Primeiro Mundo”, a representação estereotipada do turista internacional em Kolkata é reduzida a uma imagem vaga de visitante estrangeiro “ocidental” ou “ocidentalizado” - “rico, materialista e moderno”. Uma estereotipia que, confirmando o que é argumentado por muitos autores, remete para um efeito de espelho invertido representacional que é inerência da própria dialógica da retórica Ocidente *versus* Oriente, Primeiro Mundo *versus* Terceiro Mundo emanada pelo primeiro.

Mais surpreendente, porém, do meu ponto de vista, é a persistência do atributo da “língua inglesa” nesta construção representacional, pelo que lhe devotarei mais algumas considerações. Ao contrário da espontaneidade que é pressuposta por muitos na expansão global desta língua - “In the words of a former director-general of the British Council, Sir John Hanson: ‘The world wants to speak English – who doubts it?’<sup>33</sup>» (in Kayman 2004: 4), sob a pretensão da sua transformação numa língua “prática” divorciada da veiculação de valores e cultura:

The prospect that a lingua franca might be needed for the whole world is something which has emerged strongly in the twentieth century, and since the 1950s in particular. The international forum for political communication – the United Nations – dates only from 1945. Since then, many international bodies have come into being, such as the World Bank (also 1945), UNESCO and UNICEF (both 1946), the World Health Organization (1948) and the International Atomic Energy Agency (1957). (Crystal 1997: 10)

Na verdade, como se percebe pela descrição de Crystal, a tendência para a sua conversão em língua franca não é espontânea. Resulta, sim, de um projecto sistematizado pela Inglaterra e EUA de suporte à sua posição dominante e dos valores

---

<sup>33</sup> Conforme à referência em Kayman 2004: Sir John Hanson, review of Alastair Pennycook, *The Cultural Politics of English as an International Language*, *The Times Higher Educational Supplement* (7 July 1995).

anglo-saxónicos na “nova ordem mundial” e nas instituições que a regulam. Como declarado já em 1941 pelo professor de inglês H.V. Routh (o primeiro “Byron Professor of English” em Atenas), no seu livro *The Diffusion of English Culture outside England: A Problem of Post-War Reconstruction*:

In the eyes of the world, and especially of Europe, England will no longer be one nation among others competing for cultural prestige. She will be the dominating force in international politics, the professed and confessed arbiter of liberty. This hegemony will, of course, enormously enhance our influence, but not our popularity (Routh 1941: 31-32).

E efectivamente, a difusão da língua inglesa como fenómeno global é entendida por vários autores como mais uma forma de imperialismo, de reiteração do “periferismo”, negação e subalternização de outras línguas e culturas (Phillipson 1997; Crystal 1997; Phillipson & Skutnabb-Kangas 1999; Kayman 2004). Do seu óbvio papel na retórica da chamada globalização de uma “cultura hegemónica ocidental” dominada por um universo anglo-saxónico e da sua contribuição à formação de estereótipos para representação de identidades, saliento, para este contexto, a importância da evidente distribuição desigual de capital linguístico (e de expressão linguística) bem como a relevância do inglês ao nível das possibilidades de dizer de que dispõem os turistas e anfitriões em Kolkata (e em muito outros lugares). Não apenas ao nível do enquadramento contextual das fontes informativas e saberes fragmentados que servem à construção das suas narrativas, mas também do uso que é feito desta língua pelos narradores. Como referi, em Kolkata a comunicação que é estabelecida pelos turistas de várias nacionalidades, quer entre si quer com os anfitriões, é maioritariamente mediada pela língua inglesa. Exacerbando-se a percepção, por parte dos anfitriões, de que é esta língua a fonte geradora do conhecimento que nela é assumido e que configura a experiência dos sujeitos.

Mas, mais do que isso, neste contexto material, o inglês age como camuflagem (e modificador) das atitudes e valores que são vocalizados nas relações interpessoais, por exemplo: em formas de tratamento, julgamentos ou formas de configuração

semântico-discursiva para a organização de descrição, argumentação, ordenação temática e estrutura informativa, etc. Turistas e anfitriões procedem a uma escolha de entre o reportório mais ou menos alargado que possuem desta língua, não obstante não permitir, em muitos casos, uma correspondência com o modo como se expressariam na sua língua nativa. Como descrito por Bakhtin, o uso de uma voz “monológica” condiciona os seus utilizadores a tomar um ponto de vista particular (Bakhtin 1984). E neste sentido, tal como argumentado por Homi Bhabha para o período de colonização britânica na Índia (Bhabha 1985), também na actualidade, pela “imediaticidade da sua presença”, a língua inglesa assume contornos de autoridade na representação de dominação “ocidental”, de dominação do “primeiro mundo” e dos seus valores, aos quais se encontram subordinados todos os restantes na expressão dos seus saberes. Continua-se, assim, a reafirmar, deste modo, a sua “visibilidade” histórica enquanto pretensa autoridade, ao mesmo tempo inglesa e universal.

### **Referências Bibliográficas**

- ABBAS, K. A. & V. P. Sathe (1985), “Hindi Cinema”, in Ramchandran, T.M. (ed), *70 Years of Indian Cinema (1913-1983)*, Bombay: Cinema India-International.
- BABER, Zaheer (2002) “Orientalism, Occidentalism, Nativism: The Culturalist Quest for Indigenous Science and Knowledge”, *The European Legacy* 7 (6), pp. 747–758.
- BAKHTIN, M. (1984) *Problems of Dostoevsky's Poetics*. (ed. & trans. C. Emerson), Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BEATTIE, Martin (2003) “Hybrid Identities. ‘Public’ and ‘Private’ Life in the Courtyard Houses of Barabazaar, Kolkata, India”, in Sarah Menin (ed) *Constructing Place: Mind and Matter*, London, New York: Routledge, pp. 154-165.
- BHABHA, Homi (1985) “Signs Taken for Wonders: Questions of Ambivalence and Authority under a Tree outside Delhi, May 1817”, *Critical Inquiry* 12 (1), pp. 144-165.
- BONETT, Alistair (2003) “From White to Western: ‘Racial Decline’ and the Idea of the West in Britain, 1890- 1930”, *Journal of Historical Sociology* 16, pp. 320-348.
- BRUNER, Edward (1991) “Transformation of Self in Tourism”, *Annals of Tourism Research* 18, pp. 238-250.
- CARRIER, James G. (ed) (2003) *Occidentalism: Images of the West*, Oxford: Clarendon Press.

- CARRIER, James G. (1992) "Occidentalism: The World Turned Upside-down", *American Ethnologist* 19 (2), pp. 195-212.
- CHALFEN, Richard M. (1979) "Photography's Role in Tourism: Some Unexplored Relationships", *Annals of Tourism Research* 6 (Oct/Dec), pp. 435- 447.
- CHOMSKY, Noam (1991) "The New World Order", *Agenda* 62, pp. 13-15.
- CORONIL, Fernando (1996) "Beyond Occidentalism: Toward Nonimperial Geohistorical Categories", *Cultural Anthropology* 11 (1), pp. 51-86.
- CRYSTAL, David (1997) *English as a Global Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- DAVISON, R. (1960) "Where is the Middle East?", *Foreign Affairs* 38 (4), pp. 665-675.
- ECKSTEIN, D. *et al* (2006) "The Language Relationship Questionnaire (LRQ)", *The Family Journal* 14 (4), pp. 408-411.
- FRANGIALLI, F. (2007) "International Trends on Outbound Tourism: A Focus on Asia", Keynote speech (UNWTO)", *Jata World Tourism Congress 2007*, Tokyo.
- HUTNYK, John (1996) *The Rumour of Calcutta: Tourism, Charity and the Poverty of Representatio*, New Jersey: Zed Books.
- JOUHKI, Jukka (2006) *Imagining the Other: Orientalism and Occidentalism in Tamil-European Relations in South-India* (Tese), Jyväskylä: Jyväskylä University Printing House.
- KAVIRAJ, Sudipta (1997) "Filth and the Public Sphere: Concepts and Practices about Space in Calcutta", *Public Culture* 10 (1), pp. 83-113.
- KAYMAN, Martin (2004) "The State of English as a Global Language: Communicating Culture", *Textual Practice* 18 (1), pp. 1-22.
- KUMAR, Krishna (1988) "Origins of India's 'Text Book Culture'", *Comparative Education Review* 32 (4), pp. 452-464.
- MAOZ, Darya (2006) "The Mutual Gaze", *Annals of Tourism Research* 33 (1), pp. 221-239.
- MARKUS, Hazel (2005) "Confronting Katrina: Race, Class, and Disaster in America", remarks delivered October 24, 2005 CCSRE course session on *Media, Culture and the Politics of Representation: Viewing a Racialized Disaster*, pp. 1-8.
- MARQUES, Sandra C. S. (2009) *As Câmeras e o Turismo em Kolkata: Representações em Photovoice* (Tese de doutoramento). Lisboa: ISCTE-IUL.

- NAYAR, Sheila (1997) “The Values of Fantasy: Indian Popular Cinema through Western Scripts”, *The Journal of Popular Culture* 31 (1), pp. 73–90.
- NING, Wang (1997) “Orientalism versus Occidentalism», *New Literary History* 28 (1), pp. 57–67.
- NYAMNJOH, Francis B. & Ben Page (2002) “Whiteman Kontri and the Enduring Allure of Modernity Among Cameroonian Youth”, *African Affairs* 101 (405), pp. 607–634.
- PHILLIPSON, Robert & Tove Skutnabb-Kangas (1999) “Englishisation: One Dimension of Globalization”, *AILA Review* 13, pp. 19-36.
- PHILLIPSON, Robert (1997) “Realities and Myths of Linguistic Imperialism”, *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 18 (3), pp. 238-248.
- POON, Auliana (1993) *Tourism, Technology and Competitive Strategies*, Wallingford, Oxon: CAB International.
- RAJAN, Rajeswari (1986) “After ‘Orientalism’: Colonialism and English Literary Studies in India”, *Social Scientist* 14 (7), pp. 23-35.
- ROUTH, H. V. (1941) *The Diffusion of English Culture outside England: A Problem of Post-War Reconstruction*, Cambridge: Cambridge University Press.
- SAID, E. W. (1990 [1978]) *Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente*, São Paulo: Companhia das Letras.
- SPENCER, Jonathan (2003) “Occidentalism in the East: The Uses of the West in Politics and Anthropology of South Asia”, in Carrier, J. (ed), *Occidentalism: Images of the West*, Oxford: Clarendon Press, pp. 234–257.
- SUTTON, W. A., Jr. (1967) “Travel and Understanding: Notes on the Social Structure of Tourism”, *International Journal of Comparative Sociology* 8 (2), pp. 218-223.
- UNWTO (2007) *UNWTO World Tourism Barometer* 5 (2), June.
- XIAO, Honggen & Stephen Smith (2006) “The Making of Tourism Research: Insights from a Social Sciences Journal”, *Annals of Tourism Research* 33 (2), pp. 490-507.

## Abstract

In international tourist encounters in Kolkata (capital of the state of West Bengal, India), a tendency to naturalize and essentialize the ideological meanings of difference and Otherness is shared by both guests and hosts. For the latter, apparently uninterested in establishing dichotomies beyond the asymmetries of wealth and acquisitive power naturalized as a generic attribute of the West/First World, the stereotype of the international tourist is reduced to a vague image of the foreign “Westerner” or “Westernized” visitor;



Sandra C.S. Marques, *Ocidente e Ocidentais*

rich, materialistic, modern and English-speaking. This article analyzes the frames of references used in the construction of this image and their articulation with pre-existing mass-mediated narratives.

**Keywords:** international tourism, stereotypes of the West, India, mass media, representation